

HABILIDADES E COMPETÊNCIAS DOCENTES NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Marta Maria dos Santos Cipriano¹
Francisca Vilani de Souza²

RESUMO

Este estudo tem como objetivo discutir habilidades e competências do fazer docente no processo de ensino – aprendizagem nas séries iniciais do Ensino Fundamental, contextualizando a prática docente. Trata-se de uma pesquisa quanti - qualitativa. O instrumento de coleta de dados foi um questionário aplicado a 23 professores sendo 13 da rede estadual no município de Mossoró - RN e 10 da rede municipal na cidade de Exu –PE. A base teórica está fundamentada em Zabala (1998), Perrenoud (2002), Santos (2008), Ayres (2012), Tardif (2014) entre outros. Constatou-se que entre os docentes pesquisados 43% participaram de formação continuada nos últimos cinco anos, 26% há mais de seis anos e 30 % há menos de um ano. Para organizar e dirigir situações de aprendizagem 60% utilizam seleção dos conteúdos elegendo- os de acordo com os objetivos de aprendizagem; 26 % trabalha a partir dos erros e dos obstáculos dos alunos. E, 13 % trabalham a partir da construção de seqüências didáticas. Para administrar a progressão das aprendizagens 43% utilizam situações problemas ajustadas ao nível e às possibilidades dos alunos, 34% avalia - os tendo como parâmetro formação; e, 21% avalia a progressão em cada início de semana, para da continuidade ao progresso de forma contínua. Portanto, cada método necessita de recursos e, esses devem ser planejados em consonância com os objetivos de ensino a serem atingidos. Portanto, planejar o que ensinar? Como? E quais recursos serão utilizados contribui para desenvolver competências e habilidades e assim, a aprendizagem significativa e construção do conhecimento.

Palavras-chave: habilidades e competências, formação docente.

INTRODUÇÃO

É comum nas escolas públicas e privadas encontrar professores que passaram por uma academia mas na hora de colocar em prática são bloqueados por modelos mentais arraigados no íntimo do seu ser, respondendo a uma línea cultural, de valor social, ético, econômico e inclusive acadêmico, que influencia sua prática pedagógica de forma a não atingir os parâmetros de atuação colocados ao seu afazer.

Muitos são os docentes que tem manifestado sua apatia no exercício desta profissão devido à falta de possuir o perfil profissional ou estarem desestimulados quanto à remuneração, falta de incentivo, entre muitos outros.

¹ Doutora pelo Curso de Ciências da Educação Uuniversidade Internacional Tres Fronteras – UNINTER -PY, marthaestrela@hotmail.com;

² Doutora pelo Curso de Ciências da Educação Uuniversidade Internacional Tres Fronteras – UNINTER -PY, professoravilani@gmail.com

No mundo globalizado, onde habilidades e competências são implementadas e reorganizadas a todo o momento, a capacitação dos indivíduos acontece quase simultaneamente às inovações tecnológicas e, de conhecimento. A atuação laboral e social exige das pessoas uma abertura e preparo para reconhecer e adquirir novos saberes.

Encontrando no Ensino fundamental realidades diferentes, atendendo a faixa- etárias particulares, perfis de alunos específicos desde o ponto de vista físico, cognitivo e emocional. Bem como, instituições que atendem a clientelas diferenciadas socioeconômica e culturalmente, para cada realidade, as competências e habilidades do professor são fundamentais para que esses alunos galguem os degraus da aprendizagem, conhecimento e formação cidadã. O professor do século XXI deve ser pesquisador e apresentar competências e saberes que farão da sua prática a motivação que os alunos precisam para desenvolverem-se e tornarem-se autônomos, contrapondo-o ao professor reprodutor, que se limitará simplesmente a repassar conteúdo.

Cada sala de aula, cada aluno é uma realidade particular que deve ser tratada e vista na sua individualidade, colocando a disposição meios e condições que permitam seu avanço e desenvolvimento, tendo na figura do professor o profissional que intervirá com habilidades e competências específicas a cada realidade. A prática docente é uma arte que deve ser cultivada e recriada o tempo inteiro, sem desculpas, sem restrições, sem egoísmos. É um ato de doação que vai além de conteúdos e informações.

Para Rubem Alves (1998, p. 50), há uma distinção entre professor e educador, ao afirmar que, “professor é profissão, não é algo que se define por dentro, por amor. Educador, ao contrário, não é profissão; é vocação. E toda uma vocação nasce de um grande amor, de uma grande esperança”.

Hoje na educação há uma preocupação de como ensinar e como avaliar considerando as competências e habilidades. Essa questão está sendo cada vez mais discutida, para que o processo de aprendizagem seja menos conteudista e mais focado no desenvolvimento e preparação dos alunos para os desafios do mundo atual. É nesse sentido, que a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), objetiva o ensino a partir das competências e habilidades que devem ser desenvolvidas na educação básica.

Essa pesquisa tem como objetivo discutir habilidades e competências do fazer docente no processo de ensino - aprendizagem nas séries iniciais do Ensino Fundamental.

METODOLOGIA

Esse estudo é de natureza quali- quantitativa. Martin (2004) destaca que a pesquisa quantitativa lida com números, usa modelos estatísticos para explicar dados; assim, é considerada a pesquisa *hard*, tem como protótipo o levantamento de opinião. A maior parte está centrada na ênfase do levantamento de dados – *survey*. E, de questionários apoiados com padrões de análise estatística. No entanto, a pesquisa qualitativa evita números, pois lida com interpretações, portanto considerada a pesquisa - *soft*, o protótipo mais utilizado tem sido a entrevista em profundidade.

No entanto, quantificação necessita de uma qualificação, assim é importante saber diferenciar categorias sociais, pois nenhuma pesquisa numérica poderá ser bem entendida sem a interpretação dos dados, pois os dados não falam por si só, mesmo quando processados cuidadosamente, com modelos estatísticos sofisticados. Pois quanto mais complexo o modelo, mais difícil à interpretação dos resultados.

Para Richardson (2010, p.79) “O aspecto qualitativo de uma investigação pode estar presente até mesmo nas informações colhidas por estudos essencialmente quantitativos, (...) quantificáveis, na tentativa de assegurar a exatidão no plano dos resultados.” Portanto em uma pesquisa quando adotado o procedimento qualitativo pode-se empregar testes de diferente natureza.

Nesse foram selecionadas questões nas quais os docentes discutem sobre como organizam e dirigem situações de aprendizagem e, como administram a progressão das aprendizagens dos alunos, para discutir habilidades e competências.

O *locus* da pesquisa foram duas escolas públicas, uma municipal na cidade de Exu/PE e, outra estadual no município de Mossoró – RN. O *corpus* foi constituído por 23 docentes que lecionam nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental. O instrumento de coleta de dados foi um questionário composto por três questões. A primeira trata da formação. A segunda indaga como os docentes planejam e organizam as questões de aprendizagem. E a terceira trata da progressão da aprendizagem. A análise dos dados tem como foco as categorias analíticas competências e habilidades. As quais são destacadas como objeto desse estudo.

FORMAÇÃO CONTINUADA E PRÁTICA DOCENTE

Perrenoud (1999) defende que os professores que assumem o ensino por competências se apropriam de responsabilidades na escolha de práticas sociais. Logo, modificam suas próprias visões a respeito da cultura e da sociedade, especificamente no que se refere a, ao construção de conhecimentos. Nesta linha de pensamento, Nóvoa (2007) corrobora com as

afirmações de Perrenoud ao justificar que o professor é uma profissional que possui uma bagagem repleta de histórias e de modelos. Pois, antes de ser professor, ele foi aluno e, implicitamente, traz na sua prática os traços dos modelos que teve enquanto aprendiz.

Isto também está relacionado aos modelos de aprendizagem, ou seja, um professor que aprendeu através da escrita, pode priorizá-la em sua docência e não utilizar outras formas de ensinar capazes de melhor desenvolver a aprendizagem de outros alunos, que apresentam particularidades para a aprendizagem. Um exemplo disso é que há alunos que aprendem melhor ouvindo outros, lendo. Por isso, a formação continuada e a reflexão docente sobre a sua prática pedagógica são importantes tanto para a carreira do professor e a construção da sua identidade como para um melhor desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem.

Para Zabala (1998), os educandos aprendem de formas diferentes e, portanto, o professor precisa ser capaz de entender e atender essa diversidade existente na sala de aula. Pensando nisso, o autor afirma que não basta o contato com os conteúdos para que a aprendizagem ocorra, é necessário também que o educando relacione seus conhecimentos prévios com os novos e que utilize seus esquemas de conhecimento para analisá-los e apreendê-los.

Dessa forma ocorre a aprendizagem significativa conforme apresenta Ausubel (2003) que é o resultado da interação cognitiva entre conhecimentos prévios e conhecimentos novos. Assim, os conhecimentos novos ganham significado. Por isso, a ordem e a forma como se trabalham os conteúdos pode facilitar ou não a interação entre esses conhecimentos. Portanto, é preciso ensinar através de perguntas e não somente via respostas, bem como variando os materiais didáticos e dando ênfase à linguagem. Além disso, os educandos aprendem através da correção dos seus erros e que é preciso muitas vezes desaprender conceitos desnecessários.

Partindo de uma visão de educação que potencializa, colocando em ação processos e métodos a favor do desenvolvimento pleno da pessoa humana. Reconhecer e estar aberto a novos conhecimentos e aprendendo seja em qual for a profissão é que faz toda a diferença na vida do “Ser Humano”. Portanto:

[...] Atitude fundamental do professor, semelhante ao conceito rogeriano de “empatia”, é crer na dignidade, na capacidade e na atividade do aluno, familiarizar-se com sua história e contexto de vida, empenhar-se em ajudá-lo a atingir o pleno desenvolvimento. Seu papel é dirigir a aprendizagem do aluno, observar e instigar constantemente seu encaminhamento, criar instrumentos de trabalho apropriados aos tipos, ritmos e necessidades específicas dos alunos. [...] (grifos da autora) (PIMENTA 2000, P. 137).

O professor exerce forte influência na aprendizagem dos educandos, além de ser um dos mediadores do processo de ensino, suas práticas precisam ser elaboradas e repensadas de acordo com o perfil da turma e de cada aluno que compõe esse grupo, e partindo dessa base desenvolver técnicas e metodologias que vão ao encontro de uma formação integral e de qualidade.

Numa sociedade em constante transformação, o professor deve colocar-se a favor da formação de um sujeito autônomo, crítico reflexivo, observador e entendedor da realidade que o cerca.

Assumir seu papel de formador, onde suas práticas levarão os educandos a galgar novos degraus de aprendizagem e realização, fará com que aluno e professor se desenvolvam em toda sua capacidade, a favor de uma educação de qualidade e realizações.

Habilidades e competências

O conceito de habilidades e competências vem sendo utilizado nos sistemas de avaliações nacionais, como na Prova Brasil (2009). Esse documento define competência na perspectiva de Perrenoud, como sendo a “capacidade de agir eficazmente em um determinado tipo de situação, apoiando-se em conhecimentos, mas sem se limitar a eles. O mesmo documento menciona que habilidades referem-se, especificamente, ao plano objetivo e prático do saber fazer e decorrem, diretamente, das competências já adquiridas e que se transformam em habilidades.

De acordo com Demo (2010), aprender a aprender é uma habilidade/competência que está relacionada com a aprendizagem da vida toda. Este conceito pressupõe uma formação capaz de intervir, como também de caráter propedêutico, o qual que envolve a construção do conhecimento e a capacidade de utilizá-lo para intervir e fazer história.

O termo competência originado do *latim competentia*, proporção, significa aptidão, idoneidade, faculdade que a pessoa tem para apreciar ou resolver um assunto. Teve sua utilização na língua francesa, no século XV, designando a legitimidade e a autoridade das instituições (por exemplo, o tribunal) para tratar de determinados problemas. No século XVIII amplia-se o seu significado para o nível individual, designando a capacidade devida ao saber e à experiência.

A partir do domínio da Psicologia este constructo aparece em trabalhos científicos através de Noam Chomsky (nos anos 50 do século XX) no contexto da linguística, entendendo-se competência como a faculdade inata de falar e compreender uma língua Perrenoud,(2005). Chomsky opõe competência a desempenho, entendendo a primeira como aquilo que o sujeito

pode realizar idealmente devido ao seu potencial biológico, e o desempenho como o comportamento observável.

A partir dos anos 70 do século XX, a palavra competência surge associada à qualificação profissional, vinculando-se ao posto de trabalho e associando-se ao coletivo, à organização.

Partindo do entendimento que as habilidades e competências na prática docente referem-se a aquelas aptidões apresentadas pelo docente na intervenção de mediar o conhecimento. Perrenoud (2002) dentre outros apresenta um enfoque didático, voltado mais especificamente para a formação geral. Esse autor atribui vários conceitos às competências, mas a ênfase repousa sobre a mobilização de recursos cognitivos. Uma dessas definições revela a diversidade de requisitos para se construir uma competência:

(...) define-se uma competência como a aptidão para enfrentar uma família de situações análogas, mobilizando de uma forma correta, rápida, pertinente e criativa, múltiplos recursos cognitivos: saberes, capacidades, microcompetências, informações, valores, atitudes, esquemas de percepção, de avaliação e de raciocínio. (Perrenoud et al., 2002, p. 19)

Em outra definição, Perrenoud (1999) afirma que competência é a capacidade de agir eficazmente em um determinado tipo de situação, apoiada em conhecimentos, mas sem limitar-se a eles. Uma competência que se manifesta na execução de uma tarefa não é, portanto, a mera aplicação de conhecimentos memorizados, envolve também um julgamento da pertinência dos recursos disponíveis e sua integração com discernimento em tempo real. Assim, a construção de competências é inseparável da formação de esquemas de mobilização, que se constituem e se consolidam em treinamentos associados a uma postura reflexiva.

Com base no pensamento de Demo (2004) a visão do profissional do futuro é possibilitar o desenvolvimento da capacidade reconstrutiva do sujeito, consolidando assim, não meramente a aquisição de conteúdos e habilidades técnicas, mas a capacidade de ir recriando e renovando na medida que sua autonomia, como ser pensante e interventor da realidade for avançando.

Destaca ainda Demo (2004) que a mera aula é certamente a pior didática, porque decai facilmente no mero instrucionismo. Tomando-se o direito de aprender e as melhores teorias de aprendizagem, tem que se reconhecer que:

- i) É melhor “ler com o aluno”, exercitando-se a ideia de ler um autor para se tornar autor;
- ii) É melhor “pesquisar com o aluno”, exercitando-se o compromisso de reconstruir conhecimento com mão própria;

- iii) iii) É melhor "elaborar com o aluno", exercitando a habilidade de tecer texto, no qual se expresse o saber pensar.

Portanto, construir conhecimento próprio é muito mais relevante e eficaz, visto que é isto que conta para o incremento gradativo da autonomia do aluno, não as aulas magistrais, como a maioria pensa e pratica.

Segundo Piletti (2004) aprendizagem é mudança de comportamento resultante da experiência. Nesse caminho, cabe ao professor mediar à realidade na qual o educando se encontra inserido, oportunizando métodos e técnicas que contribuam no seu aprimoramento e desenvolvimento em todos os aspectos da formação humana. Assim:

(...) a motivação é fator fundamental da aprendizagem. Sem motivação não há aprendizagem. Pode ocorrer aprendizagem sem professor, sem livro, sem escola e sem uma porção de outros recursos. Mas mesmo que existam todos esses recursos favoráveis, se não houver motivação não haverá aprendizagem. (PILETTI 2004, p.63).

Assim, é importante que a motivação seja despertada nas crianças em qualquer atividade que elas forem realizar para que ela possa demonstrar todas as suas capacidades e potencialidades. Do contrário ainda que a criança tenha acesso a vários recursos atuais como computador, internet, entre outros, ela não sentirá vontade de aprender.

Freire complementa que a estas características deve-se somar:

(...) Tanto quanto a educação, a investigação que a ela serve, tem de ser uma operação simpática, no sentido etimológico da expressão. Isto é, tem de constituir-se na comunicação, no sentir comum uma realidade que não pode ser vista mecanicistamente compartimentada, simplistamente bem "comportada", mas, na complexidade de seu permanente vir a ser. FREIRE, (2001, p. 118).

Participar ativamente na capacitação e desenvolvimento da formação integral do educando é uma tarefa complexa, nobre, que requer do profissional da educação domínio de conteúdos, organização, disciplina, abertura ao novo, renovação constante, espírito pesquisador, tudo permeado por uma vocação verdadeira colocada à disposição da prática de uma educação de qualidade.

Assim, deve-se pensar no educando com base nos valores e realidade que possui, o acesso ou não a informação e tecnologia, considerando as potencialidades que todas estas vivências podem possibilitar no processo de aprendizagem.

Educar para compreender a matemática ou uma disciplina determinada é uma coisa; educar para a compreensão humana é outra. Nela encontra-se a missão propriamente espiritual da educação: ensinar a compreensão entre as pessoas como condição e garantia da solidariedade intelectual e moral da humanidade. Morin, (2003, P.93).

Logo, educar deve-se entender como processo que torne real a intervenção no mundo com base em conhecimentos e ferramentas de forma autônoma, crítica, visando o desenvolvimento pessoal, profissional e social como membro privilegiado de uma sociedade em constante evolução.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta parte analítica, destacam-se, especificamente, as contribuições do ponto de vista dos professores no que se refere à formação continuada dos pesquisados, as estratégias que utilizam no planejamento para organizar e dirigir situações de aprendizagem e, como administram a progressão das aprendizagens dos alunos. A análise está representada em três quadros nomeados de acordo com cada questão.

Quadro 1 - Participação em formação continuada

Nos últimos 5 anos.	10	43%
Há menos de um ano.	06	26%
Há mais de 6 anos	07	30%

Fonte: Questionário aplicado pelas pesquisadoras.

Tardif (2014) ao se referir à formação de professores sugere certas mudanças substanciais nas concepções e nas práticas vigentes. E destaca três breves considerações:

Primeira – reconhecer que os professores de profissão são sujeitos do conhecimento e, portanto, devem ter vozes para proferir seus discursos sobre sua formação profissional. Pois se o professor tem competência para formar pessoas, é também ele que deve atuar em sua própria formação pelos menos em parte. Esse mérito passa pela capacidade de juntamente com outros atores da educação definir conteúdos e formas a serem estudados.

Segunda – o trabalho do professor exige conhecimentos específicos e profissionais. Portanto, o ensino de teorias sociológicas, psicológicas, históricas entre outras necessitam de uma relação com o ensino, bem como com a realidade cotidiana do ofício do professor. O trabalho a ser realizado com eficácia consiste em concluir que o desafio para a formação de professores é oportunizar espaço para os conhecimentos práticos dentro do currículo.

Terceira - como a formação para o ensino ainda é organizado em torno das lógicas disciplinares, ela é fragmentada. No entanto, mesmo sem haver relação entre elas, constituem unidades autônomas de curta duração e, portanto, de pouco impacto para os alunos.

Quadro 2 – Organizar e dirigir situações de aprendizagem

Seleção dos conteúdos a serem ensinados, elegendo- -os de acordo com os objetivos de aprendizagem.	14	60%
Trabalha a partir dos erros e dos obstáculos dos alunos;	6	26%
Construção de sequências didáticas	3	13%

Fonte: Questionário aplicado pelas pesquisadoras.

Na Educação Básica as competências e habilidades são necessárias para a continuidade aos estudos, uma vez que, os conteúdos se ampliam necessitando dos anteriores já consolidados. As Matrizes de Referências do SAEB para o Ensino Fundamental, descritas no PDE (Plano de Desenvolvimento da Educação), evidenciam que para a elaboração dos itens do SAEB e da Prova Brasil, buscou-se uma associação entre os conteúdos da aprendizagem e as competências utilizadas no processo de construção do conhecimento. Esse documento compreende que para resolver qualquer situação são necessários diferentes recursos cognitivos, portanto, as competências cognitivas são modalidades estruturais da inteligência que abrangem operações utilizadas para fazer relações entre conceitos, objetos, situações e fenômeno.

Quando o professor consegue especificar e cumprir o seu papel, principalmente no que se refere à aprendizagem dos alunos, ele consegue construir sua identidade enquanto professor. Ainda é necessário acrescentar que com o tempo, o professor consegue se aceitar e respeitar seus próprios limites, pois, o conhecimento torna-o mais reflexivo.

Tardif (2014) destaca que com a progressão do trabalho, há uma inquietação no que se refere à construção da própria aprendizagem, da experiência docente, bem como o sentimento de estar dominando bem as funções. Esse domínio está relacionado com a matéria ensinada, o planejamento, a metodologia e os recursos utilizados. No entanto, as competências e habilidades pedagógicas tem uma importância para os professores. Essas competências são construídas com o tempo e experiência vivenciados.

Ao afirmar que quer contribuir com a formação acadêmica de muitos alunos, e tentar prepará-los e, torná-los também mais fortes, o docente se aproxima do que Santos (2008 p. 70-71) propõe para elevar a autoestima do aluno ao elencar:

- a) Propor desafios ao seu alcance;
- b) Monitorar a distância entre a linguagem utilizada na sala de aula e a linguagem natural do aluno;

- c) Oferecer as ajudas necessárias diante das dificuldades;
- d) Garantir ambiente compartilhado de ensino em que o aluno se sinta parte ativa do processo;
- e) Implementar o hábito de reconhecimento de pequenos sucessos progressivos;
- f) Garantir que o aluno possa mostrar-se progressivamente autônomo no estabelecimento de objetivos, no planejamento das ações que conduzirá a eles.

Essas atitudes fazem parte do seletivo que se denomina respeito e confiança mútua. E assim se constrói a aprendizagem significativa. Santos (2008) destaca que é preciso se sentir sendo, para poder aprender. O autor demonstra a importância do aluno se sentir parte do contexto de aprendizagem e, a partir dessa feita vivenciar a aprendizagem significativa. Essa postura transcultural consiste em conhecer, explorar, respeitar e entender a cultura do aluno, para que possa elevar a autoestima e assim, fazê-lo sentir-se capaz, digno de ter direitos e possibilidades no seu processo de aprendizagem.

Quadro 3 - Administrar a progressão das aprendizagens.

Situações problemas ajustadas ao nível e às possibilidades dos alunos;	10	43%
Avalia os alunos tendo como parâmetro formação	08	34%
Avaliação a progressão do aluno em cada início de semana, para poder dar continuidade ao progresso de forma contínua.	05	21%

Fonte: Questionário aplicado pelas pesquisadoras.

Ayres (2012) destaca que cada método necessita de recursos e esses devem ser planejados em consonância com os objetivos de ensino a serem atingidos. Ele sugere que ao planejar o docente deve procurar responder a três perguntas:

- 1) O que pretende ensinar? Nesse percurso a resposta deverá levar o professor a estabelecer o objetivo que almeja com esse assunto abordado. Assim, ele está fixando os objetivos de ensino que pretende atingir.
- 2) Como vou ensinar? Para responder a essa pergunta o professor deve selecionar os métodos que julgar mais apropriado para os objetivos propostos. Nesse item, pensando nos métodos é possível unir diferentes métodos numa mesma aula tais como: aula expositiva seguida de perguntas e respostas e logo após discussão e debate.
- 3) O que vou utilizar? Como essa pergunta o professor será induzido a selecionar os recursos didáticos que julgar mais adequados a cada objetivo e método escolhido. É possível perceber que a escolha do recurso está relacionada ao método escolhido e o método relacionado ao objetivo a ser atingido.

O (re) planejar está relacionado a entraves vivenciados no decorrer das aulas por diferentes motivos. A desmotivação dos alunos é observada com frequência na sala de aula. Nesse contexto, Santos (2008) sugere que seja trabalhada a aprendizagem significativa e, assim, haja o processo de modificação do conhecimento.

O autor esclarece que para haver aprendizagem significativa são necessárias duas condições: primeira – o aluno deverá ter disposição para aprender e segunda – o conteúdo a ser trabalhado deve ser potencialmente significativo. Pois cada indivíduo faz uma filtragem dos conteúdos se tem significado ou não para si próprio. Portanto, se faz necessário conhecer a clientela com a qual vai trabalhar para poder planejar atividades significativas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A avaliação da aprendizagem escolar conduz a uma tomada de decisão e quase sempre é utilizada para classificar os alunos em aprovados e reprovados. O que se faz necessário repensar esse modelo de avaliação que serve mais para punir do que para ensinar. Pois, para aferir a aprendizagem escolar sob forma de verificação, além de não obter as mais significativas consequências para melhoria do ensino e da aprendizagem, ainda impõe aos educandos consequências negativas como ameaça de reprovação

Logo, é importante que avaliação escolar seja pensada como uma atribuição de qualidade ao resultado da aprendizagem, tendo por referência aspectos essenciais e como objetivo final uma tomada de decisão que direcione o aprendizado, bem como o desenvolvimento do educando. Para que o resultado da aferição do aproveitamento não seja aprovação ou reprovação, e sim aprendizagem e desenvolvimento.

REFERÊNCIAS

AUSUBEL, David Paul. *Aquisição e retenção de conhecimentos: uma perspectiva cognitiva*. Lisboa: Plátano, 2003.

Brasil. Ministério da Educação. PDE : *Plano de Desenvolvimento da Educação* : Prova Brasil : ensino fundamental : matrizes de referência, tópicos e descritores. Brasília : MEC, SEB; Inep, 2008. 193 p.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Adaptações Curriculares*. Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF/SEES, 1999.

DEMO, Pedro. *Aprendizagem no Brasil: Ainda muito por fazer*. Porto Alegre: Mediação, 2004a..

_____. *Educação e Alfabetização Científica*. 1. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2010.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001. 158 p.

MARTIN W, Bauler e George Gaskell (ed). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Um manual prático*. tradução de Pedrinho A. Gareschi. 3.ed. Vozes. Petrópolis: Rio de Janeiro. 2004.

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez, 2003.

PILETTI, Claudino. *Didática geral*. São Paulo: Ática, 2004.

PERRENOUD, Philippe. *Avaliação da excelência à regulação das aprendizagens: entre duas lógicas*. Porto Alegre: Artmed, 1999.

PERRENOUD, P., Thurler, M., Macedo, L., Machado, N., & Allessandrini, C. (2002). *As competências para ensinar no século XXI. A formação dos professores e o desafio da avaliação*. Porto Alegre: Artmed Editora.

PIMENTA, S. G.; GHEDIN, E. (orgs.) *Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito*. São Paulo: Cortez, 2000.

SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010.

SAVIANI, Dermeval. O legado educacional do “longo século XX” brasileiro. In: SAVIANI, D. et al. (org.) *O legado educacional do século XX no Brasil*, Campinas: Autores Associados, 2004.

ZABALA, Antoni. *A prática educativa: como ensinar*. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

RICHARDSON, Roberto Jarry. *Pesquisa Social: métodos e técnicas*. 3.ed. São Paulo: Atlas, 2010.